

A Referenciação na Língua de Sinais Brasileira: aspectos sintáticos e semânticos

Lizandra Caires do Prado

Rozana Reigota Naves

293

Resumo

Este estudo, ainda em fase inicial, busca uma análise acerca da construção referencial na Língua de Sinais Brasileira (LSB), observando fatores como: se os processos referenciais, tais como expressões-r, dêixis e anáfora são produtivos; e se as condições de gramaticalidade dos elementos anafóricos, possíveis em línguas orais, estão presentes nessa língua. Para tanto, serão analisados dados de fala coletados a partir de diálogos espontâneos entre falantes nativos da LSB, gravados em vídeo e transcritos em três etapas: (a) transcrição no Sistema de Escrita em Libras (SEL), (b) glosas e (c) possíveis traduções para o português brasileiro.¹ Esta análise parte da hipótese de que os elementos cuja função é criar a referência do item nominal no mundo físico são pertencentes à categoria dos determinantes (D-DP), de acordo com Prado (2014). Pretende-se, assim, observar a estrutura dos traços- ϕ desta categoria, de acordo com a teoria gerativa, bem como a sua relação referencial e/ou correferencial, no âmbito da sentença.

Palavras-chave: Anáfora. Dêixis. Gramática Gerativa. LSB. Sintaxe.

INTRODUÇÃO

O estudo da referência e das dependências referenciais, no âmbito da Teoria Gerativa, analisa os elementos com potencial de referência, sendo eles pronomes pessoais, reflexivos e recíprocos, os quais são divididos em classes pronominais, anafóricas e expressões referenciais.² Sobre isso, Raposo (1992, p. 239) diz que “uma expressão linguística tem potencial de referência quando pode designar entidades (pessoas, coisas, ideias, etc.) ou situações (eventos, ações, etc.) do universo discursivo”. Conforme o autor, esses elementos que possuem potencial de referência são pertencentes à classe dos determinantes. A referência pode ocorrer diretamente (pela introdução de um elemento nominal no discurso, através de uma expressão-r

¹ Ver Lessa-de-Oliveira (2012).

² Segundo os pressupostos da gramática gerativa, o que a gramática normativa chama de *pronome* (palavra que substitui o nome) na verdade funcionaria como um *prossintagma*, uma vez que o elemento a ser utilizado na substituição deve referir-se a todo o sintagma nominal, e não apenas a um elemento deste. Ex.: O menino comeu o bolo = Ele comeu o bolo.

ou pronome), ou indiretamente (através da correferência ou dependência referencial, que liga um determinado sintagma determinante (DP, no inglês, *Determiner Phrase*), pronome ou anáfora, à referência de um antecedente, tornando os índices idênticos). Em línguas orais, pronomes recíprocos e reflexivos são, necessariamente, correferentes de DPs anteriores, enquanto os pronomes pessoais podem ser referentes livres, ou seja, podem designar livremente um referente sentencial, obedecendo a condições pragmáticas, assim como podem, também, ligar-se a DPs antecedentes. A anáfora é um elemento que não possui um potencial referencial autônomo, necessitando, assim, ser ligada a um antecedente. Raposo (1992, p. 241) postula que “em Português, a classe das anáforas compreende os pronomes reflexivos (incluindo as formas fortes, como ‘si próprio’, ‘mim próprio’, etc., e a forma fraca ‘si’) e os pronomes recíprocos, como ‘uns com os outros’, ‘um pelo outro’, etc.”. O autor pontua que os traços gramaticais, ou traços de gênero, número, pessoa e Caso (CHOMSKY, 1981), nos DPs e, portanto, nos pronomes e nas anáforas, precisam concordar no momento do estabelecimento da correferência entre um dado elemento e o seu antecedente. As expressões-r, constituídas pelos DPs com um complemento na forma de sintagma nominal (NP, no inglês, *Nominal Phrase*), possuindo, dessa forma, um núcleo lexical, são uma classe com potencial de referência autônomo, podendo, entretanto, tomar um antecedente em certas condições restritas.

Os mecanismos de indexação de referentes são conferidos através dos processos de *c-comando e ligação, condição do sujeito especificado (SSC), condição da ilha nominativa (NIC)* e *dos vestígios de DP como anáfora* (CHOMSKY, 1981; LEMLE, 1989; RAPOSO, 1992). Esses mecanismos já são bastante estudados em línguas orais, como, por exemplo, o português. Entretanto, no que tange às Línguas de Sinais, doravante LS, ainda temos muito que descobrir.

1 Referência na Língua de Sinais Brasileira - LSB

Os estudos realizados até o presente momento acerca dos contextos sintáticos e semânticos de referenciação na LSB, numa perspectiva gerativista, ainda suscitam muitas questões. Esta pesquisa propõe um estudo mais aprofundado acerca dos processos gramaticais que envolvem a construção de referentes nessa língua.

Nesse sentido, Prado (2014) propõe que a LSB é uma língua com forte potencial de referência dêitica. Desse modo, entende-se que toda referência é feita no espaço físico discursivo, no momento em que o DP (articulado ou não-articulado) é realizado, e, portanto, não há a presença de anáforas nessa língua, segundo a autora.^{3,4} Isso ocorre devido à natureza articulatória da LSB, uma vez que os elementos nominais são referenciados sempre no momento exato da articulação do DP referente, bem como à sua estrutura de traços formais, cuja principal seleção é o traço de dêixis [D].⁵

Essa possibilidade se apresenta como um novo desafio no estudo e na compreensão da GU, pois, sendo as LS línguas naturais, elas necessariamente compartilham o mesmo conjunto de princípios que regem todas as línguas, independentemente do seu módulo de desempenho articulatório.

Assim, este estudo, em andamento, pretende realizar uma análise mais acurada acerca dos processos sintáticos e semânticos que envolvem a referenciação na Língua de Sinais Brasileira, investigando aspectos específicos de sua gramática, a saber: se os processos referenciais, tais como expressões-r, dêixis e anáforas, são produtivos nessa língua; se as condições de gramaticalidade dos elementos anafóricos, possíveis em línguas orais, estão presentes na LSB, tais como *Condição de Sujeito Especificado (SSC)*, *Condição da Ilha Nominativa (NIC)* e *vestígios de DP como anáforas*; quais são os contextos sintáticos e semânticos em que ocorrem a referenciação; e que processos gramaticais regem a referenciação na LSB.

³ O espaço físico discursivo é, segundo Quadros e Karnopp (2004, p. 57), “uma área que contém todos os pontos dentro do raio de alcance das mãos em que os sinais são articulados. Dentro desse espaço de enunciação, pode-se determinar um número finito (limitado) de locações, sendo que algumas são mais exatas, tais como a ponta do nariz, e outros são mais abrangentes, como a frente do tórax” (FERREIRA-BRITO e LANGEVIN, 1995).

⁴ A classificação da categoria dos determinantes em Locs articulados e Locs não-articulados é proposta por Prado e Lessa-de-Oliveira (2012) e Prado (2014). Na seção 4 deste texto, falaremos mais acerca dessa classificação.

⁵ Falaremos mais detidamente sobre os traços formais dos DPs na seção 4 deste texto.

O estudo acerca da categoria dos determinantes (DP) apresenta-se como fator importante ao conhecimento da gramática de uma Língua-I, uma vez que esse processo é presente e constante em todas as línguas naturais. Nas línguas orais essa é uma categoria já bastante estudada, entretanto, o mesmo não ocorre com as Línguas de Sinais. Este estudo, ainda em fase inicial, objetivando uma análise profunda dos processos referenciais nessa língua, pode oferecer uma contribuição para o conhecimento da gramática da LSB, possibilitando a compreensão de como ocorre a referenciação nessa língua.

Um estudo desse tipo pode auxiliar em outras análises importantes para as LS, uma vez que, o conhecimento da dinâmica referencial, envolvendo os aspectos sintáticos e semânticos nessa língua, poderá ser uma peça chave para a proposta de uma modalidade escrita para a LSB. Além disso, pode ser uma base sólida para a proposta de análise da aquisição dessa categoria (DP), numa modalidade linguística (L2) escrita por surdos, como o português.

2 O que se sabe sobre a referenciação na LSB

As línguas orais, tanto na modalidade falada quanto na escrita, possuem um recurso eminentemente discursivo para referir-se aos objetos, não sendo necessária, portanto, a utilização de gesticulações no espaço físico para identificar os referentes. Esses recursos, como vimos, são os determinantes, que constroem a referenciação dos nomes de forma dêitica, ou de forma anafórica. Nas línguas de sinais, a construção de referentes ocorre de maneira distinta, através da indicação de elementos ou pontos específicos no espaço físico discursivo.

Esse tema tem sido abordado por alguns teóricos, a exemplo de Bellugi e Klima (1982), que apontam a presença desses elementos na Língua de Sinais Americana, a ASL, indicando-os como formadores da base da referência pronominal, da concordância verbal e das relações gramaticais; Moreira (2007), que considera que, em LSB, a dêixis de pessoa é realizada substancialmente por meio de dois tipos de sinais de apontamento: os pronomes pessoais e os verbos indicadores; e Pizzuto (*et*

all, 2006), que, ao analisar os elementos dêiticos e anafóricos em três línguas de sinais (Americana (ASL), Italiana (LIS) e Francesa (LSF)), distingue-os em dois tipos: sinal manual padrão e Estruturas Altamente Icônicas (EAI), atribuindo a eles um papel sintático e não meramente de coesão textual.⁶

Além desses autores, Ferreira-Brito (2012) defende que a referência na LSB ocorre de maneira similar às línguas orais, como o português, por exemplo, mas apresenta algumas especificidades. A referência, segundo a autora, é realizada de forma dêitica nessa língua. Contudo, “os dêiticos são usados frequentemente, em LIBRAS, para referirem e correferirem” (FERREIRA-BRITO, 2012, p.116).⁷ Segundo a autora, a correferência nessa língua ocorre através dos pronomes pessoais, de termos comparativos, da mudança de posição do corpo, do uso de classificadores e de “olhadelas”, possuindo, assim, propriedade anafórica.^{8,9} Ferreira-Brito (2012, p. 116-117) classifica a anáfora em LSB em três tipos ou formas, a saber:¹⁰

a) reflexivo tipo 1 (palma da mão direita em B ( -^{mm}), encontrado com os verbos BARBEAR, SUICIDAR, ENFORCAR e ACIDENTAR);

b) reflexivo tipo 2 (mão direita em K ( -^v), encosta o peito com a ponta do dedo médio – usado com os verbos AMAR e ODIAR);

⁶ Segundo esses autores, os elementos cuja característica é indicar, de forma articulada ou não articulada, elementos no espaço físico discursivo são compreendidos como flexões, cuja característica é dêitico-anafórica, uma vez que, nessa perspectiva de análise, podem tanto inserir um referente, quanto retomá-lo no discurso, através de um antecedente. Entretanto, Prado (2014) defende que esses elementos não são flexões, mas, antes, são constituintes de uma categoria sintagmática independente, a saber, a categoria dos Determinantes (DPs). Além disso, a autora propõe que esses elementos, classificados por ela como Localizadores (Loc ou Locs), são eminentemente dêiticos.

⁷ Alguns autores se referem à Língua de Sinais Brasileira como Libras ou LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais). Neste estudo, adotamos a abreviatura LSB como uma tentativa de padronização em relação aos outros idiomas de línguas de sinais, tais como Língua de Sinais Americana (ASL) e a Língua de Sinais Francesa (ASF), por exemplo.

⁸ Os chamados classificadores são morfemas que se fixam a partes dos verbos (com movimento ou localização) em uma sentença, modificando a sua estrutura, de acordo com o referente, obedecendo a características do objeto que se move ou é localizado, ou seja, “são geralmente usados para especificar o movimento e a posição de objetos e pessoas ou para descrever o tamanho e a forma de objetos” (QUADROS E KARNOPP, 2004, p. 93).

⁹ Segundo Prado e Lessa de Oliveira (2012), o elemento classificado como “olhadela” ou marcação não-manual é, na verdade, um constituinte dos Localizadores não-articulados, compostos por *direção do olhar, movimento de corpo e pontos inicial e final do movimento de verbos direcionais*.

¹⁰ Adotamos aqui a transcrição dos segmentos da Libras com base no Sistema de Escrita em Libras – SEL (LESSA-DE-OLIVEIRA, 2012). Ver mais detalhes no Apêndice.

c) recíproco (as duas mãos em G (👉 - 👈), aproximam-se com um contato final das pontas dos indicadores - encontrados nos contextos de reciprocidade) (Cf. FERREIRA-BRITO, 2012, p.116-117).

No que tange aos verbos classificadores, a autora diz que “estes são sempre correferentes devido à sua natureza de substituto de nomes e de outras categorias. Um estudo mais aprofundado da correferência pode conduzir a uma sistematização de comportamentos que subjazem este fenômeno” (FERREIRA-BRITO, 2012, p. 122).

Para Quadros e Karnopp (2004), na LSB, os elementos responsáveis pela referenciação, logo, pela apontação de elementos no espaço físico discursivo, são flexões de verbos com movimento, ou verbos com concordância.¹¹ As autoras dizem que “os sinalizadores estabelecem os referentes associados à localização no espaço, sendo que tais referentes podem estar fisicamente presentes ou não. Depois de serem introduzidos no espaço, os pontos específicos podem ser referidos posteriormente no discurso” (QUADROS e KARNOPP, 2004, p. 130), podendo ser acompanhados das chamadas marcações não-manuais (LIDDEL, 1980). Segundo Quadros e Karnopp, os verbos com concordância comportam-se como os verbos auxiliares no inglês, e os verbos sem concordância, como os verbos principais do inglês. Essa análise foi baseada na proposta de Lasnik (1995) acerca da assimetria morfológica observada entre os verbos principais e os verbos auxiliares do inglês.

Para as autoras, o que justifica essa analogia são as suas constatações de que no inglês, assim como na LSB, os verbos principais/sem concordância não podem preceder a negação, e não podem, em inglês, ser seguidos da negação sem o *do-support*, assim como na LSB é necessária a presença do auxiliar, nesse contexto.

Nessa perspectiva, os chamados auxiliares na LSB são elementos que estabelecem a concordância através do movimento de um ponto a outro, indicando,

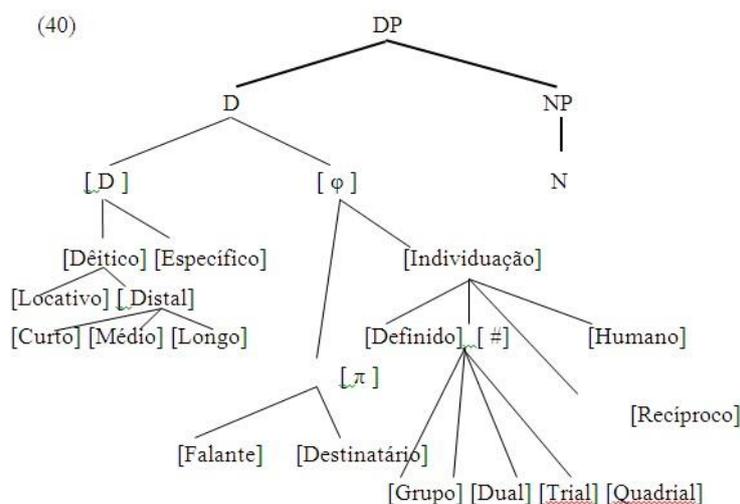
¹¹ Segundo Quadros (1999) e Quadros e Karnopp (2004), os verbos nas LS se dividem em duas grandes classes, a saber, verbos sem concordância e verbos com concordância. “Os primeiros são aqueles que exigem argumentos explícitos, uma vez que não há marca alguma no verbo com os argumentos da frase (TER, FALAR, AMAR, CONHECER). Por outro lado, os verbos com concordância estão associados a marcações não-manuais e ao movimento direcional (DIZER, ENTREGAR, AJUDAR, REMETER)” (QUADROS E KARNOPP, 2004, p. 156).

assim, os argumentos sentenciais. Dessa forma, segundo Quadros e Karnopp, esses não podem ocorrer isoladamente, mas sempre junto aos verbos sem concordância, compensando a sua ausência de concordância morfológica interna. Segundo postulam as autoras, “o auxiliar é requerido somente quando houver ordenações irregulares dos constituintes da sentença, ou seja, ordenações que não sejam SVO” (QUADROS E KARNOPP, 2004, p.163), estando sempre associadas às chamadas marcas não-manuais, ou direção do olhar que acompanha o movimento. Além disso, as autoras defendem que os verbos principais ou sem concordância não podem ser omitidos de sentenças complexas (através da identidade com sua forma pura) sem a presença do chamado auxiliar.

Segundo esse referencial teórico, os elementos cuja função essencial é localizar itens nominais através da indicação de pontos específicos no espaço físico discursivo são tratados ora por dêiticos, ora por anafóricos, ou mesmo dêitico-anafóricos, ou, ainda, por flexões e auxiliares. Tais abordagens, entretanto, não dão conta de estabelecer, efetivamente, a natureza gramatical, articulatória e trácica desses elementos. Acerca disso, Prado e Lessa-de-Oliveira (2012), realizando um estudo descritivo sobre a natureza articulatória dos chamados Localizadores, afirmam que a apontação ou localização de referentes pode ocorrer através de Locs articulados ou de Locs não-articulados.¹² Nessa perspectiva, Prado (2014) realiza uma investigação sobre a natureza categorial dos Locs. Esses elementos, caracterizados como estruturas eminentemente dêiticas, segundo a autora, são usados para a “apontação” de referentes no mundo físico. Assim, os elementos compreendidos como auxiliares e flexões são, antes, considerados por essa análise como elementos Localizadores, constituintes da categoria D-DP, cuja principal característica é a dêixis, e não a

¹² Os Locs articulados são os que apresentam, em sua articulação, a unidade articulatória Mão-Localização-Movimento – MLMov (LESSA-DE-OLIVEIRA, 2012). Já os Locs não-articulados (LocNA) são divididos em movimento de corpo, pontos inicial e final do movimento de verbos direcionais e direção do olhar. Segundo Prado (2014), somente os pontos inicial e final de verbos direcionais e direção do olhar possuem características gramaticais, e, portanto, são os que pertencem à categoria DP, uma vez que “apesar de o LocNA *giro de corpo* ser um recurso atuante na coesão do texto como um todo, as sentenças são construídas sem que seja necessária a sua presença, ou seja, este não assume qualquer papel sintático na sentença, logo, não há lugar para ele na estrutura sintática. Por este motivo, ao estabelecer as categorias para os Localizadores, não levamos em consideração os LocsNA do tipo *giro de corpo*” (PRADO, 2014, p. 45).

anáfora. A autora propõe que as diversas ordens entre Locs, nomes (N), possessivos (Pos) e quantificadores (Q), encontradas nos dados da LSB por ela estudados, são decorrentes da necessidade de checagem dos traços [D] e [φ], presentes na sonda, pelos alvos Loc, Pos, Q ou por N¹³, os quais devem ter a condição de checar o traço de [Dêixis].¹⁴ Nesse sentido, Prado (2014, p. 88) propõe a seguinte constituição arbórea para o DP em LSB:



Segundo a autora:

a principal observação a ser feita aqui é quanto ao traço [D]. Segundo Carvalho (2008), o traço [D] codifica as informações nominais; a presença dele codifica o nominal como sendo um argumento; e este traço também dominaria as projeções contendo os traços [DEFINIDO] e [ESPECÍFICO]. Como a libras é uma língua que se articula no espaço físico, por sua natureza gestovisual, verificamos a importância capital da dêixis na *construção da referência nominal* (PRADO, 2012, P.89) [grifos da autora].

¹³ Longobardi (1994), ancorado na hipótese de DP, propõe uma possibilidade de movimento do núcleo N para o núcleo D, ao pesquisar sobre as propriedades semânticas e distribucionais dos nomes e dos determinantes. Segundo o autor, esse movimento é um aspecto universal nas línguas naturais e pode ocorrer ou não, dependendo dos parâmetros fixados na sintaxe da língua. O autor ainda afirma que todo sintagma nominal em posição de argumento é um DP. Sendo assim, a posição do núcleo D deve ser sempre preenchida, devido à necessidade de checagem de um traço forte de referencialidade em D.

¹⁴ Com base nos estudos de Torrego (1988), acerca da elipse nominal legitimada por certos traços, e de Lobeck (1995), que concebe a elipse nominal como um N vazio (*pro*), é que Prado (2014) propõe que os Locs proformas (ou pronomes) em LSB são resultado de Loc + elipse nominal.

Prado (2014) afirma ainda que os Locs proformas (ou pronomes) em LSB são resultado de Loc + elipse nominal. Dessa forma, a autora conclui que há nessa língua três tipos de Locs:¹⁵

a) tipo 1 – posposto ao nome ($h\leq\phi$), com baixa especificação;

b) tipo 2 – anteposto ao nome ($h\text{?}\text{?}$), com especificação mediana (semelhante ao Loc de terceira pessoa);

c) tipo 3 – proformas (pronomes pessoais, demonstrativos, possessivos e quantificadores), altamente especificado.

Quanto aos Locs não-articulados do tipo *direção do olhar*, esses possuem as mesmas propriedades gramaticais dos Locs articulados, pois “a sua ausência em posição argumental compromete a gramaticalidade da sentença” (PRADO, 2014, p. 62).

A autora, analisando sentenças com referentes recíprocos em LSB ($h\text{?}\text{?}\text{?}$ ‘um ao outro’, por exemplo), afirma que “tanto a construção da referência quanto da correferência se dão de forma dêitica, através da apontação e retomada dos pontos previamente marcados como referentes” (PRADO, 2014, p. 68).¹⁶ Segundo a proposta da autora, na estrutura do DP em LSB o traço [ϕ [recíproco]], como pode ser observado na árvore acima, é checado pelo DP $h\text{?}\text{?}\text{?}$, enquanto o traço [D] é checado por referentes nominais lexicais indexados a ele; entretanto, como DP, o recíproco não pode, por sua essência de traços formais, ter a propriedade anafórica, uma vez que a presença do traço dêitico impede que tal fenômeno ocorra nessa língua. Sobre a checagem do traço [D] pelo núcleo N, Prado (2014, p. 91) diz que:

o nominal está checando apenas o traço raiz das sondas. Pela condição de valoração na operação de checagem, em que *Match* é

¹⁵ A autora diz que: “grafamos de duas e não apenas de uma maneira pelo fato de verificar que há uma diferença formal entre o Loc anteposto e o Loc posposto ao nominal. Nos testes de aceitabilidade, o Loc anteposto é indicado como mais bem aceito se se trata de um contexto mais específico, em que, em português, ocorreria um demonstrativo; e o Loc posposto é indicado como mais bem aceito em contextos menos específicos, nos quais em português ocorreria um artigo, geralmente definido” (PRADO, 2014, p. 38).

¹⁶ Prado (2014, p. 95) propõe a seguinte seleção de traços formais para esse elemento na LSB: [D[Dêitico]][Específico]] e [ϕ [Indiv.[Definido]][Recíproco]], conforme a estrutura arbórea apresentada.

avaliada na raiz (cf. BÉJAR, 2003), a checagem dos traços do núcleo D por Loc produz uma leitura diferente da produzida pela checagem dos traços desse núcleo pelo nominal, porque na checagem por Loc entram também traços subespecificados.

Diante disso, propomos a nossa análise no sentido de investigar o pressuposto de que a categoria D-DP em LSB seja dêítica e de que toda e qualquer referenciação nessa língua ocorre através da dêixis, ou seja, propomos investigar a questão da referenciação e correferenciação numa perspectiva de análise acerca dos processos de valoração dos traços- ϕ dos determinantes, tanto do nível de DP quanto da sentença.

Prado (2014) assume um ponto de vista em que, até mesmo num sentido muito estrito, isto é, *anáfora* (elementos reflexivos que necessitam estar vinculados dentro de um domínio de c-comando a um termo antecedente), na concepção gerativa, esses elementos estariam vinculados à propriedade da dêixis. Dessa forma, a autora propõe que tanto a construção da referência quanto da correferência se dão de forma dêítica na LSB, através da apontação e retomada dos pontos previamente marcados como referentes, uma vez que a propriedade dêítica individualiza o Localizador, livrando-o da ambiguidade, em qualquer contexto. O sinal anafórico $h\partial\partial\partial$ (um ao outro), nesse sentido, por exemplo, se articula como uma apontação para o ponto anteriormente definido como o referente de um nome, fazendo um movimento semicircular no plano frontal até o ponto anteriormente definido como o referente de outro nome. Segundo Ilari (2001, p. 97) a “idéia de Vendler é que, no começo de toda cadeia, breve ou longa que seja, encontraremos sempre um ‘termo singular primitivo’, e por ‘termo singular primitivo’, ele entende os nomes próprios e os pronomes dêíticos como eu e tu”. Isso quer dizer que, para Vendler, a dêixis é a base primitiva da referenciação, o que reforça a hipótese da autora de que os Locs trazem a dêixis como propriedade inerente. Isso ocorre porque, talvez, os Locs sejam o caso de elementos que se prendem ao tipo de referenciação básica, devido a sua natureza articulatória gestovisual.

Contudo, nesse estudo, ainda em fase inicial, propomos uma análise estritamente sintática mais acurada acerca dos processos de criação de referentes e de relações anafóricas da LSB, no âmbito da sentença.

3 Referencial metodológico

A seleção dos sujeitos-informantes para a colaboração nesta pesquisa está sendo pensada de forma a contemplar três perfis de aquisição da LSB, a saber: aquisição na primeira infância - informante surdo filho de pais surdos; aquisição na infância - informante surdo filho de pais ouvintes; e aquisição tardia - informante surdo filho de pais ouvintes. Todos os informantes e seus responsáveis deverão aceitar contribuir com este estudo, depois de previamente esclarecidos sobre a natureza e os objetivos deste trabalho, bem como da sua importância para o conhecimento da estrutura da LSB. Todos os informantes deverão ser selecionados pelo critério de apresentarem diagnóstico de surdez profunda.

Com relação à coleta de dados, ela obedecerá a alguns procedimentos. Em duplas, os informantes serão convidados a desenvolverem um diálogo sobre temas escolhidos por eles, sendo o diálogo gravado em vídeo. Esse procedimento será adotado visando à coleta de uma amostra de fala natural, uma vez que os sujeitos-informantes estarão livres para conduzir sua produção linguística, com o menor nível de interferências possível, seja do pesquisador, seja da busca de suporte de outra língua como referência, como o português escrito, para as construções linguísticas. O objetivo será compor o *corpus* deste estudo de modo que os informantes desenvolvam o diálogo na estrutura e no contexto da LSB.

Após as gravações, os vídeos serão analisados e transcritos por meio de três procedimentos. Inicialmente, optaremos pela escrita dos dados no Sistema de Escrita em Libras - SEL, desenvolvido por Lessa-de-Oliveira (2012), uma vez que este sistema permite que sejam preservadas todas as características dos sinais, tal como eles foram realizados pelos falantes. Não buscaremos, nesse estudo, propor uma forma padrão de realização dos sinais em LSB, e, neste sentido, a escrita SEL

apresenta-se como um sistema eficaz, pois é possível recuperar, de forma bastante fiel, a forma como o sinal foi realizado pelo sujeito-informante, além de ser um sistema que prioriza a otimização da escrita. Mas, o mais importante na escolha desse tipo de transcrição está no fato de podermos ter acesso aos dados em LSB, sem a interferência da gramática de outra língua.

Após essa primeira transcrição, utilizaremos um segundo recurso para a análise dos dados, a saber, a glosa.¹⁷ As glosas são um importante instrumento no processo de identificação e descrição dos elementos referenciais na LSB. Entretanto, uma análise de dados nessa modalidade linguística que se baseie apenas em glosas corre o risco de ter os seus resultados enviesados, pois, como possíveis aproximações, as glosas, além de serem interpretações que o pesquisador faz dos dados, são registros do conteúdo semântico, mas não da estrutura gramatical, com suas propriedades preservadas. Como optaremos por uma escrita em LSB, as glosas, neste estudo, serão apenas um suporte para facilitar a interpretação dos sinais. Por fim, para cada sentença, proporemos uma possível tradução em português escrito, com o intuito de ampliar o acesso ao conteúdo semântico dos dados.

Em um segundo momento, poderemos lançar mão do recurso de testes de aceitabilidade com sentenças reorganizadas a partir de dados encontrados nessas amostras, para verificar aspectos concernentes à estrutura da referenciação na Libras. Com os dados de fala natural coletados e com os dados dos testes de aceitabilidade constituiremos o nosso *corpora* e desenvolveremos as análises neste estudo com o intuito de esclarecer os processos sintáticos e semânticos que regem a referenciação na Libras, durante a computação.

Considerações finais

Como vimos, a Língua de Sinais Brasileira (LSB) ainda é pouco conhecida, no que tange aos seus aspectos gramaticais. Com relação aos processos de criação de

¹⁷ Esse recurso é muito utilizado para as transcrições e análises não apenas de línguas ágrafas, mas também de línguas que possuem escrita, com a finalidade de facilitar o acesso aos dados por pesquisadores e pelo público em geral. São uma aproximação *ipsis verbis* entre a língua estudada e a língua em que o trabalho é escrito.

referentes e de relações correferenciais, numa perspectiva de análise gerativista, também pouco se conhece. Os estudos que se debruçaram sobre o tema realizam um tratamento de base da referência pronominal e da concordância verbal (BELLUGI E KLIMA, 1982; MOREIRA, 2007, FERREIRA-BRITO, 2010) para esses elementos, podendo haver uma retomada desses referentes em um momento posterior no discurso (QUADROS E KARNOPP, 2004; PIZZUTO ET AL, 2006). Prado (2014) realiza uma análise baseada na perspectiva de uma geometria de traços (BÉJAR, 2003; CARVALHO, 2008). Segundo a autora, os elementos Localizadores (Locs), usados para a “apontação” de referentes no mundo físico, são constituintes da categoria D-DP, cuja principal característica é a dêixis e não a anáfora.

Assim, levando em conta esses estudos, o que propomos é uma análise mais acurada acerca dessa questão, observando as relações que são estabelecidas na referência, no âmbito da sentença, no que tange a proposta de Magalhães (2004) para a valoração de traços- ϕ do DP, através de uma relação de concordância (*Agree*).

Nessa perspectiva, pretendemos observar como, exatamente, é criada a referência e a correferência na LSB, quais são os processos gramaticais envolvidos na expressão dessas referências no nível da sentença e, também, se a referência é, necessariamente, construída na forma de topicalização ou nas funções gramaticais específicas de sujeito e complemento.

REFERÊNCIAS.

ABNEY, S. P. **The English noun phrase in sentential aspects**. PhD Dissertation. Massachusetts: MIT, 1987.

BATTISON, R. “Phonological deletion in American Sign Language”. **Sign Language Studies**, v. 5, 1974.

_____. **Lexical borrowing in American Sign Language**. Silver Spring, MD: Linstok, 1978.

BÉJAR, S. **Phi-syntax: a theory of agreement**. PhD. Dissertation. University of Toronto, 2003.

BELLUGI, Ursula; KLIMA, Edward. "The acquisition of three morphological systems in American Sign Language". **Papers and Reports on Child Language Development**, v. 21, 1982.

BORGES NETO, J. "Os possessivos como indicadores de referência e atribuição". **DELTA** (2), n. 1, p. 145-149, 1986.

CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. **Dicionário de lingüística e gramática**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1978.

CAPOVILLA, Fernando; RAFAEL, Walkiria. **Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da língua de sinais brasileira**. vol. 1 e 2. São Paulo: Edusp/Imprensa Oficial, Fapesp, Fundação Vitae, FENEIS, Brasil Telecom, 2001.

CHOMSKY, Noam. **Aspects of the theory of syntax**. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1965.

_____. **Lectures on government and binding**. Dordrecht: Foris, 1981.

_____. **The knowledge of language: its nature, origin and use**. Praeger: New York, 1986.

_____. **The minimalist program**. The MIT Press, Cambridge. Massachusetts, USA, 1995.

_____. "Minimalist inquiries: the framework". **MITWPL 15**. Cambridge. Mass: MITWPL, 1998.

FERREIRA, Lucinda. **Por uma gramática de línguas de sinais**. Rio de Janeiro. Ed. Tempo Brasileiro, 2010.

FELIPE, Tanya A. **Introdução à gramática da LIBRAS**. Educação Especial - Língua Brasileira de Sinais. Brasília, MEC/SEESP: Série Atualidades Pedagógicas 4, 1997: p. 81-123

FRIEDMAN, L. "On the semantics of space, time and person in American Sign Language". **Language**, v. 51, 1976, p. 940-961.

LESSA-DE-OLIVEIRA, Adriana S. C. "Libras escrita: o desafio de representar uma língua tridimensional por um sistema de escrita linear". **Revista Virtual de Estudos da Linguagem**, v. 10, p. 150-184, 2012.

LIDDEL, Scott. **Grammar, gesture and meaning in American Sign Language**. Cambridge: University press, 2003.

LOBECK, A. "Ellipsis: functional heads, licensing, and identification". *Language*, vol. 72, n° 3, pp. 634-637. 1995.

LONGOBARDI, G. "Reference and proper names: a theory of N-movement in syntax and logical form". **Linguistic Inquiry** 25,4 : 609-665, 1994.

LYONS. C. **Definiteness**. Cambridge/ New York: Cambridge University Press, 1999.

MAGALHÃES, Telma M. V. 2004. "A Valoração de Traços de Concordância Dentro do DP". DELTA, p. 149-170.

MARTINHO, F. J. dos S. **A elipse nominal em português e em francês**. Dissertação de Mestrado. Universidade do Porto: Portugal, 1998.

MATOS, G. "Construções elípticas". In: Mateus et al. **Gramática da Língua Portuguesa**, Lisboa: Caminho, Cap. 21, 2003.

MOREIRA, Renata. **Uma descrição da dêixis de pessoa na língua de sinais brasileira: pronomes e verbos indicadores**. Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade de São Paulo. 2007.

PIZZUTO, Elena; ROSSINI, Paolo; SALLANDRE, Marie-Anne; WILKINSON, Erin. "Dêixis, anáfora e estruturas altamente icônicas: evidências interlinguísticas nas Línguas de Sinais Americana (ASL), Francesa (LSF) e Italiana (LIS)". In: QUADROS, Ronice; Vasconcellos, BARBOSA, M. L. (org.). **Questões teóricas das pesquisas em línguas de sinais**. Florianópolis: Arara Azul, 2006.

PRADO, L. C. **Sintaxe dos determinantes na língua brasileira de sinais e aspectos de sua aquisição**. Dissertação (Mestrado em Linguística). UESB, Vitória da Conquista-BA, 2014.

PRADO, L. C.; LESSA-DE-OLIVEIRA, Adriana S. C. "Dêixis em elementos constitutivos da modalidade falada de línguas de sinais". *Revista Virtual de Estudos da Linguagem*, v. 10, p. 38-57, 2012.

QUADROS, R. M. de. **Phrases structure of Brazilian Sign Language**. Porto Alegre: PUCRS, Tese de Doutorado, 1999.

QUADROS, R. M. de; KARNOPP, L. B. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre. Ed. Artmed, 2004.

RAPOSO, Eduardo Paiva. **Teoria da gramática: a faculdade da linguagem**. 2ª ed. Editorial Caminho, SA. Lisboa, 1992.

STOKOE, William. **Sign language structure**. Silver Spring: Linstok Press, [1960] 1978.

TORREGO, E. **Evidence for determiner phrases**. Ms., University of Massachusetts, Boston MA, 1988.